

### Post scriptum

Para dar ao leitor base concreta para um julgamento sem vacilações, abro em seguida outro parêntesis, desta vez, crítico. Pode o leitor estranhar que seja a história tão interrompida por parêntesis, deixando-se o autor ficar no bem-bom, quem sabe a dormir a sesta ou a namorar, mas em verdade sai ganhando, pois, em lugar de enfastiar-se com tacanhas letras e fútil narrativa, ilustra-se lendo peça profunda devida à pena do eminente Sapó Cururu, membro da Academia e do Instituto, crítico universitário, professor de Comunicação.

Com o Mestre, a palavra.

### Parêntesis crítico

#### ESCRITO, A PEDIDO DO AUTOR, PELO SAPO CURURU,

#### Membro do Instituto

(“A peça poética em discussão é carente de ideias profundas e peca por inúmeros defeitos na forma. A linguagem não é escoreita; a construção gramatical não obedece aos cânones dos excelsos vates do passado; a métrica, cujo rigor se impõe, vê-se tratada a trancos; a rima, que deve buscar-se seja milionária, é paupérrima nas apoucadas vezes em que nos dá o ar da sua graça.

“Imperdoável, sobretudo, porém, o fato criminoso evidenciado no primeiro quarteto do aludido soneto de autoria do Gato Malhado, claro e clamoroso plágio de inconveniente canção carnavalesca que assim se escreve:

“A baratinha Yayá,  
A baratinha Yoyô,  
A baratinha bateu asas  
e voou.”

“O plagiário — a quem acabo de pegar pelas ouças para colocá-lo perante o tribunal da opinião pública como ladrão que o é, e dos mais réprobos por furtar ideias — não satisfeito em plagiar, fê-lo copiando versos de baixa extração, versos da população indigna. Se as forças do seu intelecto revelavam-se frágeis para conceber primorosa obra poética, então, pelo menos, plagiasse os grandes mestres, como por exemplo Homero, Dante, Virgílio, Milton ou Basílio de Magalhães.

SAPO CURURU, doutor”)

### Continuação da estação do outono

Criticado, discutido e julgado o soneto do Gato Malhado, volvamos à nossa história. O que equivale, aliás, a continuar com o soneto, pois não o citei por acaso e, sim, porque ele teve que ver com o desenrolar dos acontecimentos.

Passou-se assim: no último dia de verão, após aquela cena entre a Andorinha e o Gato, este teve uma longa conversa com a Coruja. De todas as criaturas do parque, a Coruja era a única que estimava o Gato Malhado, como já foi dito. Naquela noite, após o ocorrido, a Andorinha não voltara. O Gato tentou compreender o que estava se passando com ela, entre que sentimentos contraditórios se debatia. Envolto em tristeza e solidão, resolveu ir conversar com a Coruja. Esta acordava do seu sono de anciã e abria os olhos para a Noite, sua amiga querida.

O Gato sentou sobre um galho da jaqueira, ao lado da Coruja, e falaram primeiro de coisas indiferentes. Porém, a Coruja, sendo adivinha, percebera o que trouxera o Malhado até ali. Foi franca: não só lhe contou as murmurações do parque (que puseram o Gato quase louco de furor) como lhe deu, por fim, sua opinião:

– Amigo velho, não há que fazer. Como pudeste imaginar que a Andorinha viesse te aceitar como marido? Nunca houve caso... Mesmo se ela te amasse — e quem te afirma que ela te ame? — jamais poderia casar contigo.

Desde que o mundo é mundo, às andorinhas é proibido casar com gatos. Essa proibição é mais do que uma lei e está plantada com fundas raízes no coração das andorinhas. Dizes que ela gosta de ti, que se dependesse de sua vontade... Pode ser, acredito mesmo que sim. Mais forte que ela, porém, é a lei das andorinhas. Porque está dentro dela desde o seu mais velho avô, desde a primeira andorinha. E para romper uma lei é preciso uma revolução...

Completo, balançando a cabeça:

– Aliás, era até bom que acontecesse uma revoluçãozinha... Estamos necessitando.

O Gato Malhado não disse nada. Nem mesmo que gostava da Andorinha e que sonhara tê-la ao seu lado no pedaço roto de veludo. Esquecera que as andorinhas dormem em ninhos sobre as árvores, enquanto os gatos dormem pelo chão sobre trapos abandonados. Despediu-se da Coruja sem comentar suas palavras. Chegando em casa, começou a escrever o célebre soneto. Em sua elaboração levou toda a noite e parte da manhã seguinte. Tudo que conseguiu realizar foi a peça já julgada e condenada.

Não obstante, naquele primeiro dia de outono encontrou a Andorinha. Ela estava séria, não sorria, não exibia a leve alegria de sempre, aquele ar de disponibilidade que era o seu maior encanto. Também o Gato Malhado não conseguia esconder a tristeza, pesavam-lhe no coração as palavras da Coruja. Andaram em silêncio, percorrendo lugares onde haviam ido na primavera e no verão. Uma ou outra vez trocavam palavras soltas, mas tinham ambos o ar de quem quer evitar um assunto que se impõe.

Chegou a hora da Andorinha partir. O Gato entregou-lhe o soneto. Ela voou, muitas vezes voltou a gentil cabecinha para vê-lo, tinha lágrimas nos olhos.

No dia seguinte — ai, foi o dia mais longo do outono — ela não apareceu. Inutilmente ele rondou nas proximidades da árvore onde ela residia, não a viu. Nessa noite lembrou-se das murmurações do parque e então correu com o Pato Preto, meteu um susto quase mortal no Papagaio (que rezava suas orações noturnas), arranhou o focinho do Cão Dinamarquês, furtou ovos no galinheiro e — cúmulo da maldade — não os furtou para comê-los e, sim, para largá-los no campo. O temor ao Gato Malhado voltou a habitar o parque, e as murmurações ruidosas amorteceram-se em cochichos segredados.

No terceiro dia do outono, o Pombo-Correio atirou-lhe de longe (cadê coragem para aproximar-se?) uma carta. O Gato a leu tantas vezes que até a aprendeu de memória. Uma carta triste e definitiva enviada pela Andorinha Sinhá. “Uma andorinha não pode jamais casar com um gato.” Dizia também que eles não deviam mais se encontrar. Em compensação falava que jamais fora feliz, exceto no tempo em que vagabundeava com o Gato Malhado pelo parque.

E terminava: “da sempre tua Sinhá”.

Ela tinha jurado não mais o ver. Mas, como já disse e agora repito, juramento de andorinha não merece confiança. Voltaram a passear pelo parque, a ir aos recantos que haviam descoberto durante a primavera. Só que agora quase não conversavam, era como se uma invisível cortina os separasse.

Foi assim que passaram todo o outono, um tempo cinzento em que as árvores iam se despindo das folhas e o céu ia se despindo do azul. Como o Gato Malhado voltara a ser temido e novamente vivia isolado de todos, sem conversar com ninguém, não sabia que na casa da Andorinha trabalhavam seis aranhas costureiras que preparavam o enxoval da jovem noiva. O casamento do Rouxinol com a Andorinha Sinhá estava marcado para o começo do inverno.

No derradeiro dia do outono, dia húmido e enevoadado, percorrido por um vento que soluçava de frio, a Andorinha quis ir a todos os lugares que haviam aprendido a amar na primavera e no verão. Estava estranhamente faladora e ruidosa, terna e cheia de dengue, como se houvesse aberto de repente a cortina que a separava do Gato Malhado, como se houvesse de súbito transposto a distância que entre eles tinha se delimitado. Era a

mesma Andorinha Sinhá da primavera e do verão, um pouco louca, e o Gato Malhado a contemplava comovido. Andaram até que a Noite chegou. Então ela lhe disse que aquela tinha sido a última vez, que ia casar-se com o Rouxinol porque, ai!, porque uma Andorinha não pode casar-se com um Gato. Como já o fizera certo dia, voou sobre ele num voo rasante, tocou-lhe com a asa esquerda — era a sua maneira de beijar — e ele não pôde desta vez ouvir o bater do pequeno coração da Andorinha, tão fracos eram os seus latidos. Pelos ares ela se foi, não olhou para trás.

### A estação do inverno

Este devia ser um capítulo longo porque o começo do inverno foi um tempo de sofrimento. Mas por que falar de coisas tristes, por que contar as maldades do Gato Malhado cujos olhos andavam escuros de tão pardos? Disso falavam as cartas enviadas pelos habitantes do parque, cartas que o Pombo-Correio levava a outros parques distantes. As notícias chegaram até o longínquo esconderijo da Cobra Cascavel, e mesmo ela tremeu de medo. Diziam da maldade do Gato, mas diziam também de sua solidão. Jamais o Gato Malhado voltara a dirigir a palavra a quem quer que fosse. Tão grande solidão chegou a comover a Rosa-Chá, que confidenciou ao Jasmineiro, seu recente amante:

– Coitado! Vive tão sozinho, não tem nada no mundo...

Enganava-se a Rosa-Chá quando pensava que o Gato Malhado vivia solitário e não tinha nada no mundo. Bem ao contrário, ele tinha um mundo de recordações, de doces momentos vividos, de lembranças alegres. Não vou dizer que fosse feliz e não sofresse. Sofria, mas ainda não estava desesperado, ainda se alimentava do que ela lhe havia dado antes. Triste no entanto, porque a felicidade não pode se alimentar apenas das recordações do passado, necessita também dos sonhos do futuro.

Um dia, de brando sol hibernal, realizou-se o casamento da Andorinha com o Rouxinol. Houve grande festa, mesa de doces e champanha. O casamento civil foi em casa da noiva, o Galo era o juiz e fez um discurso eloquente sobre as virtudes e os deveres de uma boa esposa, especialmente sobre a fidelidade devida ao marido. Da fidelidade do marido à esposa ele não falou. Era maometano e não hipócrita: todos sabem que o galo Don Juan de Rhode Island possui um harém. O casamento religioso foi na laranjeira, a linda capela do parque. O reverendo Padre Urubu veio de um convento distante para celebrar a cerimônia religiosa. O Papagaio serviu de sacristão e, à noite, embriagou-se. O sermão do Urubu foi comovente. A mãe da Andorinha chorou muito.

No momento em que o cortejo nupcial, numa revoada, saía da capela, a Andorinha viu o Gato no seu canto. Não sei que jeito ela deu no voar que conseguiu derrubar sobre ele uma pétala de rosa, das rosas vermelhas do seu buquê de noiva. O Gato a colocou sobre o peito, parecia uma gota de sangue.

Para que essa história terminasse alegremente, o meu dever seria descrever a festa dada à noite pelos pais da Andorinha Sinhá. Talvez mesmo contar algumas das anedotas com que o Papagaio divertiu os convidados. Tinham comparecido todos os habitantes do parque, menos o Gato Malhado. A Manhã descreveu a festa inteirinha ao Tempo, dando detalhes dos vestidos, das comilanças, da mesa de doces, da ornamentação da sala. Mas tudo isso o leitor pode imaginar a seu gosto, com inteira independência. Apenas direi que era maviosa a orquestra dos pássaros e que o seu melodioso rumor chegava até o Gato Malhado, solitário no parque. Já não havia futuro com que alimentar seu sonho de amor impossível. Noite sem estrelas, a da festa do casamento da Andorinha Sinhá. Apenas uma pétala vermelha sobre o coração, uma gota de sangue.

### A noite sem estrelas

A música doía-lhe no coração. Canção nupcial para os noivos; para o Gato Malhado, canto funerário. Tomou da pétala de rosa, olhou mais uma vez o parque coberto pelo inverno, saiu andando devagar. Conhece um lugar longínquo, onde vive apenas a Cobra Cascavel, que ninguém aceita nos parques nem nas plantações. O Gato tomou a direção dos estreitos caminhos que conduzem à encruzilhada do fim do mundo.

Quando passou em frente à casa da festa, viu os noivos que saíam. A Andorinha também o viu e adivinhou o rumo de seus passos. Qualquer coisa rolou então dos céus sobre a pétala que o Gato levava na mão. Sobre o vermelho de sangue da pétala de rosa brilhou a luz da lágrima da Andorinha Sinhá. Iluminou o solitário caminho do Gato Malhado, na noite sem estrelas.

Aqui termina a história que a Manhã ouviu do Vento e contou ao Tempo, que lhe deu a prometida rosa azul. Em certos dias de primavera a Manhã coloca sobre o luminoso vestido essa rosa azul de antigas idades. E então se diz que faz uma esplêndida manhã toda azul.

AMÉM (concluiu o Papagaio)

Paris, novembro de 1948

## 3. Guião de Leitura *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*

### 1. Primeira Leitura do Conto. Assinala a opção correta:

#### 1. Em que cidade escreveu Jorge Amado esta história?

- a) Paris
- b) Londres
- c) São Salvador

#### 2. Esta obra foi escrita no ano de:

- a) 1948
- b) 1958
- c) 1976

#### 3. Um destes capítulos não faz parte da obra. Qual?

- a) Parêntesis crítico
- b) Parêntesis poético
- c) Parêntesis das anúncias

#### 4. O que significa *pilhéria* no português padrão do Brasil?

- a) aborrecimento
- b) parolice
- c) piada

#### 5. O adjetivo *sinistro* significa:

- a) solitário
- b) cruel
- c) bondoso

**6. Uma destas personagens não faz parte da obra. Qual?**

- a) O gato Finlandês
- b) A Pomba Rola
- c) A Pata Branca

**7. Na estação da primavera, o único habitante que não teve medo do Gato Malhado foi:**

- a) o Papagaio
- b) o Rouxinol
- c) a Andorinha Sinhá

**8. A Andorinha Sinhá dava-se:**

- a) bem com todos os habitantes do parque
- b) mal com a Vaca Mocha
- c) mal com o Papagaio

**9. O primeiro encontro entre o Gato e a Andorinha aconteceu:**

- a) no verão
- b) na primavera
- c) no outono

**10. Durante a primavera, o Gato e a Andorinha:**

- a) passearam pelo parque
- b) separaram-se
- c) zangaram-se

**11. A única amiga do Gato no parque era:**

- a) a Velha Coruja
- b) a Pata Negra
- c) a Vaca Mocha

**12. Na estação do verão, o Gato Malhado:**

- a) não passeou com a Andorinha Sinhá
- b) expulsou a Cobra Cascavel do parque
- c) pediu a Andorinha subtilmente em casamento

**13. No último dia de outono, a Andorinha:**

- a) anunciou o seu casamento com o Rouxinol
- b) disse aos pais dela que amava o Gato Malhado
- c) marcou um encontro com o gato

**14. O casamento religioso da Andorinha com o Rouxinol realizou-se na:**

- a) macieira
- b) laranjeira
- c) goiabeira

